

# Inteligência Artificial: o bicho-papão – Por Rui Rodrigues

written by Rui Rodrigues | 1 de Agosto, 2025

**OCIDADÃO**  
Journalism Libre

**OPINIÃO**  
Rui Rodrigues



Fui, durante largo tempo, **profundamente relutante** perante o avanço da Inteligência Artificial (IA). Não pelo desconhecimento técnico, até porque a minha base académica passou pela informática aplicada, mas pelo receio de que se perdesse, com o seu uso desenfreado, aquilo que é mais singular em cada um de nós. **O pensamento criador.**

Temia que a palavra se tornasse apenas útil. Que a forma substituísse o conteúdo. E que, nesse processo, fôssemos lentamente abdicando do exercício de simplesmente **pensar com originalidade**. Contudo, o tempo e a experiência ensinaram-me outra coisa e hoje compreendo que a Inteligência Artificial, como qualquer ferramenta, **não é boa nem má**. É apenas o reflexo

da **consciência** de quem a utiliza e, que pode ser de igual forma, ameaça ou alavanca. Pode empobrecer ou elevar. Pode restringir ou libertar.

Descobri nela um instrumento que não serve para substituir o acto criativo, mas para o iniciar com maior clareza, para o estruturar com maior rigor, para o expandir com maior rapidez.

A sua eficácia é inegável.

Mas considero que, apenas quando colocada ao serviço de uma intenção nobre.

A Inteligência Artificial, quando bem usada, **acelera o humano. Não o anula.**

Neste momento, **reconheço com alguma facilidade** os textos que foram escritos por modelos de IA. Há uma ausência que se nota claramente. **Uma falta de densidade, de intenção, de risco. Falta simplesmente, alma.**

O que ainda me inquieta não é o seu uso. É a dissimulação. É o produto final que se apresenta como se tivesse sido produzido com trabalho totalmente humano, **quando não o foi**. É a recusa em assumir que houve apoio. Como se a autoria se tornasse menos digna por ter contado com o auxílio técnico. Na verdade, como se a transparência já não fosse um valor em si mesma.

O verdadeiro perigo não está na máquina. **Está na preguiça em pensar**. Está no conformismo em aceitar o que nos surge já feito. Está na tentação em abdicar da autoria. E, acima de tudo, está na falta de ética que mascara, disfarça e que apresenta **como genuíno o que não o é**.

Precisamos, urgentemente, de ética na criação. **Uma ética** que não tema usar ferramentas, mas que nunca abdique da responsabilidade de pensar, de sentir, de filtrar e de transformar. Uma ética que reconheça que a inteligência humana nunca se poderá posicionar em competição com a artificial, mas

em saber integrá-la com verdade, critério e sentido.

A Inteligência Artificial não veio para nos silenciar. Veio para nos desafiar.

Para testar o grau de maturidade com que queremos estar no mundo. Para provar se estamos preparados para integrar a inovação sem perder o que faz de nós humanos.

Se há um bicho-papão neste processo, ele não está fora de nós. **Está dentro.**

Está na nossa relação com a verdade. Com a responsabilidade.

O futuro não se fará sem máquinas. O presente já não se faz sem máquinas.

Mas nunca poderá dispensar a **consciência de quem as usa.**